

Literatura Brasileira Contemporânea

Brasília, 30 de agosto de 1999 - ano III, nº 26.

boletim

Uma busca pelo deserto interior

Ilar Gorette Ribeiro



arte: LFM sobre Andy Warhol

Patagônia - João Batista Melo. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

De forma ágil e tensa, que prende o leitor, *Patagônia* traz à tona, através da saga de Otaviano Caldeira, o eterno tema moderno da busca de si mesmo para consolidar uma identidade.

O que surpreende e agrada é o tom feroeste/psicanalístico misturado com paisagens e histórias de três pontos do continente. Brasil, Estados Unidos e Argentina se fundem transformando-se em um vasto, árido e vazio deserto que pode ocupar qualquer espaço geográfico ou humano.

O deserto da Patagônia que nos é apresentado simboliza o retrato do mundo, como também o interior de cada um de nós, representa a busca incansável pelo conhecimento, detona o espírito de aventura, consolida a coragem, recupera o sonho infantil de se transformar em um bandido-herói nos moldes de Butch Cassidy.

Torna-se, assim, instigante seguir os passos de Otaviano Caldeira e decifrar os enigmas da Patagônia exterior e interior, e então responder à pergunta: o que leva um homem a atravessar o deserto em busca do assassino do

(continua)

PATAGÔNIA

Uma busca pelo deserto interior

(continuação)

irmão? Vingança? Dever? Culpa? Autopunição? A busca de si mesmo?

Vingança ou dever seriam as respostas imediatas. Poucas pessoas apostariam na culpa, na autopunição e muito menos na busca de si mesmo.

Em *Patagônia*, percorrer o deserto guiado pelo desejo de encontrar e matar Butch Cassidy, o suposto assassino do irmão, é a alavanca que impulsiona Otaviano rumo ao desconhecido.

Otaviano Caldeira, movido pela inveja, transgride a moral ao manter relações sexuais com a esposa do irmão Virgílio, não sente culpa pois acha natural “roubar” o corpo da cunhada como forma de suprir o que o irmão lhe roubara a vida toda, a atenção do pai. Ao serem pegos em flagrante, Otaviano, com medo da punição, comete outro ato punível: atira contra o irmão, privando-o de um de seus olhos verdes.

Ao se recuperar Virgílio vai para os Estados Unidos, onde é assassinado algum tempo depois de começar, através de correspondências, uma relação fraterna com o irmão. Desfaz-se o elo, a ponte fraternal foi definitivamente

rompida. Começa aqui o calvário de Otaviano, persistente, sem medo da morte enfrenta os mistérios da Patagônia, desbravá-los o tornará moralmente valioso.

Mas não é só a procura consciente do assassino que conduz Otaviano, inconscientemente ele almeja o encontro consigo mesmo. Otaviano busca Otaviano, aquele que ficou perdido no tempo/espço de Diamantina, e para (re)encontrá-lo precisa mudar radicalmente de paisagem, largar o doloroso verde de Minas e as cores cariocas para defrontar com o mundo branco sem limites do deserto interior e exterior. Atravessar o deserto concreto é o rito de passagem da culpa para o perdão, a provação capaz de auxiliar Otaviano a transpor e desvelar o seu deserto interior cheio de luzes opacas e sombras, só assim Otaviano se sentirá novamente digno e reconstruirá sua vida livre dos fantasmas de Virgílio e de Butch Cassidy.

Otaviano ao se (re)encontrar fecha o círculo, o deserto cumpre o seu papel, o romance também.

Ilar Gorette Ribeiro é mestrandia em Literatura Brasileira na Universidade de Brasília.

POEMA

O assassino era o escriba

Paulo Leminski

Meu professor de análise sintática era o tipo do sujeito inexistente.

Um pleonasma, o principal predicado de sua vida, regular como um paradigma da conjugação.

Entre uma oração subordinada e um adjunto adverbial, ele não tinha dúvidas: sempre achava um jeito assindético de nos torturar com um apostrofo.

Casou com uma regência.

Foi infeliz.

Era possessivo como um pronome.

E ela era bitransitiva.

Tentou ir para os EUA.

Não deu.

Acharam um artigo indefinido em sua bagagem.

A interjeição do bigode declinava partículas expletivas,

Conectivos e agentes da passiva, o tempo todo.

Um dia, matei-o com um objeto direto na cabeça.

